

---

8. O BEM, O MAL E A HISTÓRIA

---

Nem tudo é dificuldade e incerteza. Na minha experiência como político, que agora compartilho com você nestas cartas, há sem dúvida compensações importantes. Dá para ter muito prazer no poder, pois você pode fazer muitas coisas positivas com ele. Em certos momentos você sente que fez – mesmo que os outros não sintam, você sabe que fez. E com o tempo as coisas bem-feitas tendem a aparecer. Mas o julgamento importante mesmo é o da história – e este só se pronuncia quando você já morreu.

O fato de eu não ser um político profissional faz uma certa diferença. Eu me sinto mais professor e intelectual do que político, no sentido que se atribui normalmente à palavra “político”. As pessoas não acreditam quando digo isso, mas é verdade. O que me interessa, o meu cotidiano depois

que eu deixei a Presidência, não é voltar a ser presidente. Não sou candidato a nada. As pessoas continuam não acreditando e me perguntam: "O senhor assina aqui, garantindo que nunca mais se candidatará a cargo algum?" Eu digo: "Não, não sou insensato."

Não há razão para eu fazer um juramento desses. Afinal, eu também não era candidato a presidente da República quando fui ministro da Fazenda no governo Itamar. Não queria ser candidato e acabei sendo. A vida é mais complicada do que a nossa vontade. O que posso dizer com toda a sinceridade é que não estou me programando para viver a política partidária eleitoral no futuro. Não é isso que pretendo. Quero escrever livros, quero viajar, fazer conferências... Enfim, quero fazer outras coisas. Embora não abdique de meu dever de cidadania, com maior razão ainda por ter sido presidente, de opinar sobre a vida pública e política do país.

Um político profissional nunca deixa de estar na briga partidária e sempre que pode é candidato. Para ele, perder eleição é ruim, mas não concorrer é pior. Mesmo que perca, o nome dele está ali. O bom é ganhar, claro, mas mesmo que não ganhe você está na briga, está participando, está vivo no mundo da política. Fora os presidentes militares, que não eram políticos profissionais, os meus predecessores, sem exceção, saíram da Presidência e tentaram voltar a ocupar cargos eletivos. Isso é da natureza da política.

## Construindo sobre o legado de outros

Acho que muito me ajudou na Presidência a circunstância de conhecer um pouco de história. Às vezes me perguntam que leituras eu recomendaria para alguém interessado em seguir a carreira política. Não acho indispensável ter muitas leituras, muitos livros na estante, muitas horas de biblioteca. Há vários políticos que não têm, e eu não vejo realmente muita utilidade em fazer uma lista de leituras obrigatórias e específicas para a carreira. Mas é necessário ter uma certa compreensão da história. Quando falo em história incluo também sociologia – no sentido de uma análise da evolução do país e do mundo. Hoje tudo é “do mundo”, tudo é global. É preciso que o político tenha uma visão razoável do conjunto e seja capaz de entender as condições sociais de seu tempo. Em política tudo é um processo. As pessoas esperam sempre um ato, um grande gesto, o decreto, a lei para solucionar os problemas. Isso é importante mas não basta – as mudanças importantes dependem de uma sucessão de atos e resultados. E as coisas dificilmente começam do zero.

Li há pouco tempo um livro sobre a formação do que eles chamam na Espanha de “intelectualidade” – as pessoas que opinam sobre o país, escritores, literatos, gente de todo tipo. A tese do livro é que no fundo há duas Espanhas e um diálogo permanente entre elas. Há a “Espanha Católica”, de princípios, organizada, obscurantista e a

"Espanha Liberal", formada por muçulmanos, godos, revolução republicana, geração de 1898, intelectuais liberais. O livro mostra que desde o tempo dos godos, na Idade Média, o princípio organizador da nacionalidade espanhola era dual. Mas mostra como isso foi evoluindo no tempo e como a dualidade antiga, embora não ostensiva, permanece até hoje.

Certas filosofias asiáticas dizem que há o bem e o mal e um não ganha do outro, os dois convivem. Política é um processo contínuo de convivência, diriam, em que você não cria apenas, recria também. Acho relevante observar isso, porque se você não tem uma noção de quais são as identidades fundamentais no país em que está operando não é capaz de levar adiante o que deseja de maneira plena. Saber disso é útil também para você não pensar que está descobrindo a pólvora – e nem pensar que pode trabalhar sem saber nada sobre o que os outros já fizeram. Algumas coisas vindas do passado são boas, outras são ruins. Você também faz coisas boas e coisas ruins; o bom e o ruim dependem de visões fundamentais que variam com o tempo e com o julgamento de cada um, não são uniformes nem imutáveis. Ter uma certa formação histórica, portanto, é importante porque ajuda a exercer uma liderança efetiva, que não se propõe a fazer *tabula rasa* do que os outros fizeram e para conseguir direcionar melhor o que veio do passado e assentar as bases do que se quer para o futuro.

## **Getúlio e Juscelino: reconhecidos depois da vida**

Getúlio Vargas hoje é endeusado, mas na sua época não; era até odiado por muita gente. Hoje parece que Getúlio foi sempre fantástico. Ele foi as duas coisas, como todos nós. Se foi bom ou se foi mau, depende da perspectiva com que se analisa o que fez no momento de sua ação. Política não é a arte de separar os bons dos maus, mas sim a arte de tentar convencer os maus a ficarem bons. E depende também do que você chama de "bom".

Pois bem, Getúlio tinha uma certa noção do Brasil. Tinha uma formação, que já vinha do pai dele, do Rio Grande do Sul, baseada em idéias do positivismo. Tinha uma visão estatizante, centralizadora, que vinha de Júlio de Castilhos. E tinha certa consciência dessa visão. Isso é importante. Não fez tudo o que fez, de repente, sem prestar atenção à nossa evolução. Pelo contrário, inovou, mas no curso de um processo evolutivo possível.

Juscelino Kubitschek, hoje tão popular, não era tampouco uma pessoa desprovida de perspectiva histórica. Ele sabia situar-se no tempo. Foi muito criticado porque gastou muito com a construção de Brasília, o que provocou inflação; abriu a economia nacional aos investimentos estrangeiros e também foi muito criticado pelos adversários desta política. Mas, de certa forma, se antecipou ao futuro, demonstrando visão histórica.

Em suma: das várias disciplinas úteis para um político, e onde as leituras certamente vão ajudá-lo, acredito que o mais importante é ter uma noção da história. É saber situar-se em seu tempo, ter consciência de que este se forma em uma sucessão contínua de êxitos e fracassos e que o que hoje é bom pode ter sido julgado mau ontem e vice-versa.

No mundo atual, também é preciso saber alguma coisa de economia, claro, porque a economia predomina nos acontecimentos e nas sensações da sociedade. Para entender a economia é preciso dominar alguns conceitos, sem os quais não se pode compreender a rapidez dos processos. Se você não sabe nada dos processos sociais básicos, inclusive os econômicos, não dá para antecipar o que vai acontecer, fica difícil entender e mais difícil ainda decidir com eficácia.

É bom para qualquer político moderno, igualmente, estar familiarizado com preceitos de administração. A grande diferença da administração em relação à política é que ela tem regras básicas, que precisam ser cumpridas. Requer disciplina e cooperação. Em política não. Mais ainda, na administração existe uma hierarquia estabelecida. O político, quando chefia uma burocracia administrativa não deve saltar as linhas de comando, nem mudar regras a cada novo impulso de vontade que tenha.

No exercício do poder em sua expressão máxima, o político, pelo contrário, deve inovar e precisa estar preparado para o confronto. Pode mesmo, em circunstâncias especifi-

cas, saltar os obstáculos burocráticos, buscando apoio na cidadania e pode criar novas regras, por intermédio do Legislativo ou por decretos legalmente embasados.

Mas para alguém poder saber o que vem pela frente, tem que saber o que veio antes, tem que ter uma certa idéia do processo, senão a pessoa acaba não construindo nada duradouro e novo. Sua ação pode dar certo ou não na política, mas não conseguirá construir um caminho para a nação se seus atos não forem embasados na história e nos sentimentos e valores da sociedade. Sem isso, pode eventualmente obter um resultado para seus propósitos imediatos, mas não fará "a diferença". Não será fator da mudança. Pode até ser a expressão da mudança, mas não será aquele que conduz a mudança.